

FAMÍLIAS INCESTUOSAS: COMPREENDENDO O PAPEL DA MÃE

Aline Riboli Marasca (Bolsista UNIBIC/UNISINOS - aline.marasca@gmail.com); Nádia Basso da Silva
Orientadora: Profª Drª Denise Falcke

UNISINOS
Somos infinitas possibilidades

INTRODUÇÃO

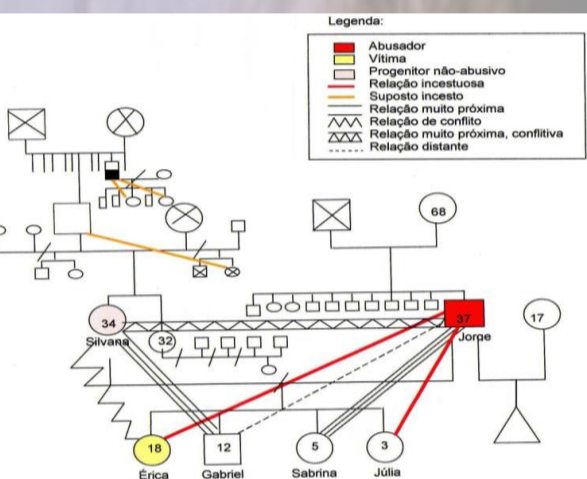
Existem diferentes perspectivas na compreensão sobre o papel das mães em famílias incestuosas. As reações maternas, diante da revelação do abuso sexual de suas filhas, podem ser positivas ou ambivalentes (Santos & Dell'Aglio, 2009). Por um lado, as mães, quando se deparam com o abuso das filhas, podem ficar sem ação e reagir como aprenderam em suas famílias de origem, negando as evidências do abuso (Penso, Costa & Almeida, 2005). É frequente que as mães de vítimas de abuso sexual tenham sofrido violência na infância (Nogueira & Pereira de Sá, 2004) e, ao se depararem com a realidade que se repete, sentem dificuldade em lidar com a situação (Narvaz & Koller, 2006). Por outro lado, geralmente, elas são capazes de assumir atitudes protetivas por acreditarem no relato das crianças, prestando cuidado à vítima e denunciando o abuso (Amendola, 2004; Elliot & Carnes, 2004; Habigzang *et al.*, 2005). Boa parte das mães, mesmo tendo sido abusadas, apresentam resiliência e demonstram ações protetivas em relação aos filhos, conseguindo romper o ciclo de violência intrafamiliar (Leifer *et al.*, 2004; Pintello & Zuravin, 2001).

Tabela 1: características das participantes

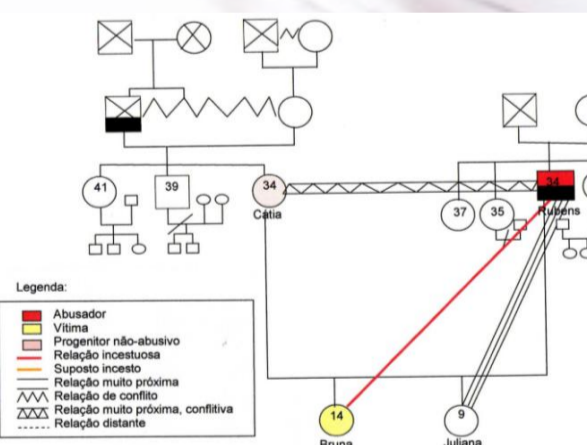
Mães ¹	Idade	Escolaridade	Profissão	Idade do Companheiro	Idade da filha
Silvana	34	Ensino Médio	Telefonista	37	18
Solange	44	Ensino Médio	Serviços Gerais	52	10
Cátia	34	Ensino Fundamental	Empregada Doméstica	35	14

¹ Os nomes das participantes foram alterados a fim de preservar suas identidades

RESULTADOS



Caso 1 - Silvana é separada de Jorge e tem quatro filhos. Descreveu sua mãe como rude, conservadora e pouco carinhosa. Havia suspeita de que seu pai teria "feito alguma coisa" com uma filha do primeiro casamento da mãe. Conheceu Jorge aos 15 anos, começaram a namorar e logo engravidou de Érica. Silvana referiu um episódio de agressão física entre o casal. Relatou que Jorge ficava com as crianças durante o dia e ela ligava do trabalho para saber delas. Contou que soube há um ano que Jorge havia estuprado a filha Érica, segundo a menina, dos 9 aos 13 anos. Ao ouvir o relato da filha, fez um Boletim de Ocorrência e mandou o marido sair de casa. O abuso foi confirmado e Jorge foi preso. Silvana disse que até entende os motivos do abuso, pois a filha tem corpo bonito e qualquer um sentiria prazer por ela. Comentou que Jorge era "doente sexual". Há suspeita de abuso em relação as outras duas filhas. Silvana mostra-se preocupada com os relacionamentos futuros das filhas. Para ela, precisa conquistar novamente a Érica como filha para que ela a perdoe. **Síntese do TAT:** Silvana apresenta aspectos depressivos, chamando atenção a falta de simbolização nos relatos. Ela se viu nas lâminas e identificou as gravuras como parte da própria história. Viu a figura masculina como má e doente e a figura feminina como boa, vítima e sofredora. Há um ego frágil e pouco estruturado. Como mecanismos de defesa, apresentou preponderantemente negação e reparação.



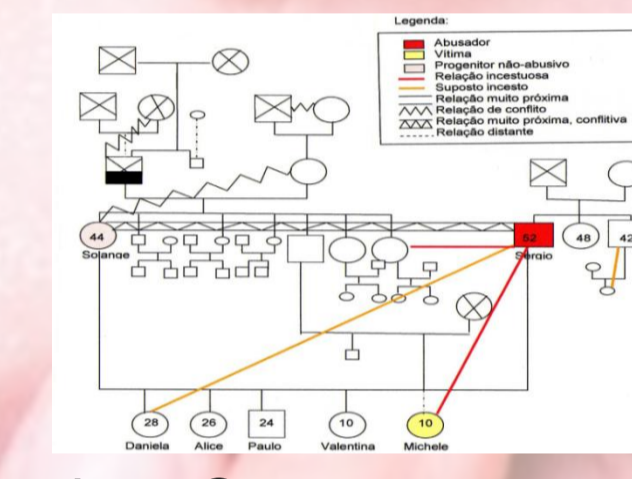
Caso 3 - Cátia é separada de Rubens e tem duas filhas. Sobre sua família, relatou que se mudavam com frequência pois o pai bebia e perdia os empregos. Sua mãe era rígida e brigava muito com ela. Casou-se com Rubens porque engravidou. Durante o relacionamento, referiu que ele só queria fazer sexo e gostava de filmes e revistas eróticas. Comentou de um episódio em que Rubens voltou bêbado para casa e contou que havia saído com uma menina bem nova. Cátia disse que o ex-marido implicava e batia na filha mais velha, Bruna. Mencionou que quase se separou quando soube de um caso de abuso sexual envolvendo Rubens e uma prima dela, mas logo reataram. Segundo ela, a denúncia ocorreu após encontrar uma carta de Bruna, na qual ela descrevia os episódios de abuso. Pelo relato de Cátia, Bruna contou que o abuso constituía em olhar e carícias, mas Rubens tentava avançar. Disse perceber a filha mais triste e quieta antes da revelação. Após a denúncia, Rubens saiu de casa. **Síntese do TAT:** o herói refletia uma imagem negativa, depressiva de si e com baixa autoestima. Porém, houve movimento para mudar essa situação e vontade de reparação. Nas relações familiares, demonstrou dedicação aos filhos em detrimento da relação conjugal. Como mecanismos de defesa, evidenciou-se, preponderantemente, a negação. Há uma razoável integração do ego com o aumento das defesas. O ego pareceu estar se conciliando com o superego, e este aponta que a mãe precisa cuidar das filhas, porém existe ambivalência no cuidado.

a) Investigar a história transgeracional de mães de vítimas de incesto; b) Identificar características psicológicas das mães (tais como capacidade de simbolização, representação das figuras masculinas e femininas, mecanismos de defesa e integração do ego); c) Conhecer o papel da mãe da vítima de incesto e como ela descreve a relação com a vítima e o abusador antes e após a revelação e denúncia do abuso sexual.

OBJETIVOS

MÉTODO

Utilizou-se o método de Estudo de Casos Múltiplos (Yin, 2005). Foram **participantes** três mulheres, mães de vítimas de incesto (dados na tabela ao lado). As participantes, residentes na cidade de Passo Fundo, foram encaminhadas por intermédio do Centro de Estudos à Infância e Adolescência (CEPIA), um serviço de proteção a vítimas de violência. Como **instrumentos**, foram utilizados: 1) Entrevista semi-estruturada; 2) Genograma Familiar; 3) Teste de Apercepção Temática (TAT). Como **procedimento de coleta dos dados**, foi realizado um contato inicial com o Ministério Público, através da Promotoria da Infância e da Adolescência na cidade de Passo Fundo, que encaminhou o projeto ao Centro de Estudos à Infância e Adolescência (CEPIA). Após a autorização de encaminhamento das participantes, foram feitos seis encontros com cada participante. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, ao término da pesquisa, foram encaminhadas para psicoterapia em centros de atendimento da Prefeitura Municipal de Passo Fundo. A **análise dos dados** foi realizada em profundidade, a partir da análise de cada caso. Posteriormente à análise de cada um dos casos, buscou-se retratar os aspectos comuns e diferenciados de interações entre os casos analisados.



Caso 2 - Solange é separada de Sérgio, tem quatro filhos biológicos e adotou Michele, filha de seu irmão, quando nasceu. Teve um relacionamento difícil com sua mãe, que era muito exigente. Seu pai bebia, mas era carinhoso. Referiu não saber de casos de abuso em sua família, mas sabia que o irmão do ex-marido havia abusado da filha. Casou-se com Sérgio aos 18 anos para sair de casa. Comentou que brigavam porque ele queria transar e ela não tinha vontade. Há 20 anos, a irmã de Solange contou que havia sido abusada por Sérgio. Em outra ocasião, soube pela outra irmã que Sérgio tinha mostrado o pênis para a filha Michele. Solange mandou que ele saísse de casa, mas não denunciou: "Não sei o que ele fez, se ele só mostrou não seria uma coisa tão hedionda". A denúncia do abuso ocorreu após Daniela, filha mais velha, ter questionado Michele ao vê-la saindo do banheiro com o pai. O Conselho Tutelar alertou que as crianças não poderiam aproximar-se do pai, mas Solange disse ter atendido ao pedido de Sérgio para vê-las. Revelou não se sentir culpada, pois nunca soube o que acontecia: "Eu convivi 30 anos com uma pessoa e não vi nada". **Síntese do TAT:** Evidenciou situações de abandono, que podem tanto se referir ao seu lugar de filha quanto como mãe. Houve indícios de imaturidade, infantilidade e falta de diferenciação do eu. As histórias demonstraram idealização de relações familiares perfeitas. As defesas evidenciadas foram: projeção, racionalização, intelectualização e negação. Fraca integração do ego, em virtude da emergência do conflito, impedida pelo uso intenso de defesas, por meio de relatos pobres nas lâminas.

DISCUSSÃO

Nos casos apresentados, percebe-se a vivência de experiências que não favoreceram a convivência com modelos de identificação saudáveis, nos quais essas mães pudessem se espelhar ao desempenhar papéis parentais e conjugais. Evidencia-se a transmissão transgeracional da violência. Nas relações conjugais, observa-se a aceitação e diminuição da gravidade dos vários tipos de violência, o que propicia pensar no fenômeno da naturalização. Como características maternas, verificou-se a dificuldade de simbolização das mães, sendo possível inferir a existência de um pensamento em nível muito concreto, possivelmente explicando a dificuldade das mães inclusive em reconhecer o abuso. Os mecanismos de defesa mais utilizados foram a recusa e a negação. Identifica-se que a família manteve o incesto em segredo, possivelmente como forma de sustentar a estabilidade e coesão familiar. Em todos os relatos, percebe-se ambivalência das mães, que tomaram ora atitudes protetivas, ora não protetivas. Diante dos casos apresentados, destaca-se a importância da preparação dos profissionais que atuam nessa área para acolher e fortalecer essas mães, pois, na maioria das vezes, ela é a responsável pelo suporte familiar e o cuidado com a vítima após a denúncia.

REFERÊNCIAS

- Amendola, M. F. (2004). Mães que choram: Avaliação psicodiagnóstica de mães de crianças vítimas de abuso sexual. In M. C. C. Prado A. (Ed.), *O mosaico da violência: a perversão da vida cotidiana*. São Paulo: Vetor, pp.103-169.
- Elliot, A. N., & Carnes, C. N. (2001). Reactions of nonoffending parents to the sexual abuse of their child: A review of the literature. *Child Maltreatment*, 6(4), 314-331.
- Habigzang, L. F. & Koller, S. H.; Azevedo, G. A. & Machado, P. X. (2005). Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(3), 341-348.
- Leifer, M.; Kilbane, T. & Kalick, S. (2004). Vulnerability or resilience to intergeneration sexual abuse: the role of maternal factors. *Child Maltreatment*, 9 (1), 78-91.
- Narvaz, M. G. & Koller, S. H. (2006). A concepção de família de uma mulher-mãe de vítimas de incesto. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19, 395-406.
- Nogueira, S. E. & Pereira de Sá, M. L. B. (2004). Atendimento Psicológico a crianças vítimas de abuso sexual: alguns impasses e desafios. In M. C. C. Prado A. (Ed.), *O mosaico da violência: a perversão da vida cotidiana*. São Paulo: Vetor, pp. 47-102.
- Penso, M. A., Costa, L. F., & Almeida, T. M. C. (2005). Pequenas histórias: grandes violências. In: Costa, L. F., Almeida T. M. C. (orgs.). *Violência no Cotidiano: do risco à proteção*. Brasília: Liber/Universa, pp. 125-137.
- Pintello, D.; Zuravin, S. (2001). Intrafamiliar child sexual abuse: Predictors of postdisclosure maternal belief and protective action. *Child Maltreatment*, 6 (4), 344-352.
- Santos, S. S. & Dell'aglio, D. D. (2008). Compreendendo as mães de crianças vítimas de abuso sexual: ciclos de violência. *Estudos de Psicologia*, v. 25, n. 4, Campinas, out./dez.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman